

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP**

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC

PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

**DESIRÉE SAVAZO ASSIS
MARJORY VICTÓRIA FROJONI**

DO PONTO À PONTA

**BAURU
2023**

**Desirée Savazo Assis
Marjory Victória Frojoni**

DO PONTO À PONTA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial à
conclusão do curso de Comunicação Social:
Jornalismo da Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design da
Universidade Estadual Paulista (UNESP),
para a obtenção do grau
de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: profa. Dra. Liliane de Lucena Ito

Banca examinadora:

profa. dra. Liliane de Lucena Ito
orientadora e presidente da banca

profa. Vivianne Lindsay Cardoso
docente do curso de Jornalismo (Unesp)

Natália Pêgolo Ariede Schmidt
jornalista

BAURU, SP

2023

Assis, Desirée Savazo.

Do ponto à ponta / Desirée Savazo Assis,
Marjory Victória Frojoni. - Bauru, 2023
46 f. : il.

Orientador: Liliane de Lucena Ito
Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Comunicação Social: Jornalismo) - Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru,
2023

1. Balé. 2. Bolshoi. 3. Documentário. 4.
Jornalismo audiovisual. I. Frojoni, Marjory
Victória. II. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Ciências. II. Título.

Ninguém se importa o quão bem você dança. Levante-se, dance!

Grandes dançarinos não são grandes pela sua técnica,

Eles são grandes pela sua paixão por dançar.”

(Martha Graham)

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos começam onde tudo se inicia. Mãe e pai, obrigada por todo apoio, incentivo e motivação durante a minha trajetória universitária. Obrigada por, todos os dias, me darem a certeza de que essa foi a escolha certa e por acompanharem cada um dos meus passos, inclusive na execução deste trabalho.

Obrigada por me darem ouvidos todas as vezes que eu quero falar sobre balé e sobre arte. Obrigada por compreenderem meus sonhos e serem alicerce na construção do meu “eu”. E, principalmente, obrigada por não me deixarem desistir.

Agradeço a minha parceira de trabalho, Marjory, por ser esse braço direito, por estar próxima, por topa a ideia e somar a ela. Obrigada por ter deixado a execução desse projeto mais leve e divertida.

Estendo-me aos colegas de equipe que tornaram tudo possível: Matheus (Bonfa), Gabriel (Bila), Guilherme, Bruno e Ana Clara. Sem vocês como colaboradores, esse trabalho não teria sido sequer tirado do papel. Obrigada pelo esforço, dedicação e por abraçarem a ideia, principalmente.

Agradeço aos professores que, de alguma forma, abriram a nossa mente para novas possibilidades, nos aconselharam e nos guiaram nesse projeto. Em especial, a nossa orientadora Liliane Ito, que abraçou a ideia, que no começo era apenas uma semente, e germinou uma árvore com grandes frutos.

Agradeço, também, aos meus amigos que incessantemente me deram votos de que tudo iria dar certo no fim e ao meu namorado, que esteve ao meu lado em todos os momentos de ansiedade, medo e insegurança. Obrigada por me distrair com piadas engraçadas e por acreditar em mim quando nem eu acreditei.

Finalmente, agradeço à Escola Bolshoi, aos bailarinos e seus familiares que embarcaram na ideia, abriram as portas para que a equipe gravasse e nos permitiram avançar para entender cada detalhe do trabalho ali executado, inclusive por trás das coxias. Vocês foram essenciais para que tudo saísse do papel.

Desirée

AGRADECIMENTOS

Essa sem dúvida é a melhor parte deste relatório, os agradecimentos, porque se tem um sentimento que a entrega desse projeto me proporciona é gratidão. E tenho para mim que será difícil agradecer todas as pessoas que contribuíram mesmo sem saber para que o “DO PONTO À PONTA” existisse e para que eu chegasse até aqui, na minha última entrega de trabalho para o curso de jornalismo da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, enquanto estudante.

Pensando neste projeto, começo agradecendo a equipe, Gabriel, Mateus, Guilherme e Ana, por terem comprado a nossa ideia com todo o coração e terem se esforçado tanto para a realização dela. Falando em ideia, sou imensamente grata a minha parceira de trabalho e sala de aula Desirée, que entrou nessa jornada comigo, e foi fundamental para fazer tudo isso dar certo.

Agradeço também, a nossa orientadora, professora Liliane, que desde o primeiro momento nos avisou sobre a loucura que seria fazer um documentário, viajar, editar e entregar tudo isso em menos dois meses, mas não soltou a nossa mão. Bem como gostaria de agradecer todos os professores e professoras que contribuíram com esse processo.

Aos nossos entrevistados e à equipe de assessoria de imprensa da Escola do Teatro Bolshoi muito obrigada, por serem tão solícitos, nos receberem tão bem e possibilitarem que esse documentário acontecesse.

Agora pensando no projeto que eu sou para mim mesma agradeço minha família por me apoiar por todos esses anos. Pai e mãe, vocês foram essenciais na minha formação enquanto jornalismo e pessoa. Obrigada por permitirem que eu conquistasse asas tão grandes para voar e estar mais perto da pessoa que gostaria de ser. Sou porque vocês são.

E por último, mas não menos importante quero agradecer a todos os meus amigos, amigas e meu namorado por serem tão bons em não duvidar da minha capacidade de realização dos meus projetos, vocês não tem ideia de como isso é importante para mim.

Marjory

RESUMO

A produção audiovisual “DO PONTO À PONTA” busca retratar a jornada de dedicação e estudos na formação de um(a) bailarino(a) clássico(a), a partir da paixão que nutrem pela arte, que, por consequência, move suas vontades. Por meio de uma profunda imersão na vida e na rotina de três bailarinos(as) que fazem parte da Escola Teatro Bolshoi no Brasil, foi possível constatar os maiores desafios e renúncias que esses jovens bailarinos e suas famílias enfrentam para viver o sonho de ter o balé clássico como profissão, além de validar e valorizar a dança e arte como trabalho no Brasil.

Palavras-chave: Balé; Bolshoi; Documentário; Jornalismo audiovisual

ABSTRACT

The audiovisual production “DO PONTO À PONTA” aims to portray the journey of dedication and studies during the graduation of a classic ballet dancer. Through a profound immersion in the lives and routines of three ballet dancers that are part of the Bolshoi Theatre School in Brazil, afterwards it has been possible to verify the greatest challenges and renuncements that three young dancers and their families confront to live the dream that is to have the ballet as a profession, in conjunction with valuing the dance and other arts in Brazil.

Key-Words: Ballet; Bolshoi; Documentary; Audiovisual journalism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Perfil dos alunos da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil.....	12
Figura 2 - Pré-roteiro do documentário feito em quadro com <i>post-its</i>	21
Figura 3 - Logotipo inserido sob a imagem, captada pelos cinegrafistas, para compor a capa do documentário.....	29
Figura 4 - Capa documentário no Youtube.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 JUSTIFICATIVA.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 Objetivo geral.....	13
1.2.2 Objetivos específicos.....	13
2. FORMATO E GÊNERO.....	14
3. METODOLOGIA.....	17
3.1 Cronograma das gravações.....	22
4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	22
4.1 Público Alvo.....	22
4.2 Argumento de documentário.....	23
4.3 Equipamentos e softwares utilizados.....	29
4.4 Identidade visual e gráfica.....	29
4.5 Custos de execução e orçamento do produto.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
7. APÊNDICES.....	33
7.1 Produto experimental - documentário.....	33
7.2 Sugestão de roteiro transcrito e enviado para a edição.....	33

1. INTRODUÇÃO

Antes de o homem se exprimir por meio da linguagem oral, ele dançou. A dança nasce de uma necessidade de os seres humanos acompanharem os ciclos, como um ritual, feito não somente com os olhos, mas, também, com o corpo. Nesses casos, a dança assume a função de representar o modo de organização de um grupo primitivo, a partir do momento em que organiza e conduz as suas vidas.

Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver! (TAVARES, 2005, p.93)

Como explica Faro (1998), se a arquitetura veio da necessidade de morar, a dança veio da necessidade de aplacar os deuses. Alinhado ao gesto encontra-se o ritmo, uma descarga que regula e mede as forças vitais. É ele que estabelece a harmonia entre o equilíbrio dos movimentos, preside a ordem das coisas e dá ao músculo humano força e expressão.

A dança, segundo Scardua (2007), constitui-se em uma maneira de tentar explicar a própria existência humana, em suas diferentes dimensões. Assim, a experiência de dançar teria contribuído para que os antepassados conferissem às situações vividas valores distintos, em função basicamente das sensações e sentimentos desencadeados pelos eventos que eram experienciados.

Com a evolução humana, no decorrer dos anos, a dança sofre modificações, ganha outro significado, deixa de ser apenas vista como manifestação cultural e se transforma em uma profissão, devidamente regulamentada, com uma linguagem própria para ser pensada e vivenciada. Vai além do ato de se movimentar, possui significado amplo de compreensão corporal e intelectual.

Contudo, de acordo com Zagonel (2012), inicialmente a prática da dança tinha um perfil meramente de entretenimento e festividades, dificilmente vista como uma atividade de formação. Escolher viver de dança pressupõe uma lista de questionamentos feitos por familiares, amigos e até pelo próprio bailarino. Entre eles, o clássico: “é possível viver dessa arte no Brasil?”.

Em conjunto com o decreto 82.385/1978, foi publicado um quadro anexo com todas as categorias enquadradas dentro da profissão de artista, dentre elas podemos identificar pelo menos três menções à área da dança e suas respectivas funções: coreógrafo, ensaiador de dança e bailarino e/ou dançarino, este, que

[...] executa danças através de movimentos coreográficos preestabelecidos ou não; ensaia segundo orientação do coreógrafo, atuando individualmente ou em conjunto, interpretando papéis principais ou secundários; pode optar pela dança clássica, moderna, contemporânea, folclórica, popular ou “shows”; podem ministrar aulas de dança em academias ou escolas de dança, reconhecidas pelo Conselho Federal de Educação, obedecidas as condições para registro como professor (BRASIL III, 1978).

A pesquisadora Neves (2013), em seu estudo de caso sobre a Cisne Negro Companhia de Dança de São Paulo, revela que dança é uma atividade que carrega em si estigmas sociais de que é apenas distração ou passatempo desprovido de significado, além de não cumprir o seu papel de atingir todas as camadas da sociedade. Há quem considere, segundo ela, por exemplo, que investir tempo para aprimorar talentos artísticos seja desperdício, o que dificulta a compreensão de que, sim, é possível transformar o seu corpo em um instrumento de trabalho.

Mas, antes de viver “de” é preciso viver “para” a dança. Sobre a profissionalização do balé clássico e da dança, em geral, no Brasil, Flávio Sampaio (2013) aponta que mesmo com a criação de um grande número de Cursos Superiores e Técnicos de Dança, existe uma problemática no quesito da iniciação da educação formal entre bailarinos. Ou seja, para o(a) bailarino(a) que deseja seguir carreira nesta área, é necessário que o aprendizado seja adquirido quando jovem, antes, inclusive, de finalizar os estudos regulares do ensino médio.

Contudo, há um profundo vínculo entre o corpo e a aprendizagem, para tornar a dança uma profissão. Jovens que não enxergam outras possibilidades, a não ser dançar, devem ingressar em rígidas escolas preparatórias. É neste ambiente escolar que se propõe desenvolver e vivenciar aprendizagens relacionadas ao corpo e a dança, ao despertar nos alunos um senso mais crítico e consciente dos seus atos corpóreos e as possibilidades envolvidas.

Marques (2011, p.39) assegura que “fazer arte torna-se tão importante quanto pensar e entender arte”. Portanto, não basta oportunizar o ato da dança aos alunos. Ao contrário, eles precisam compreender o que envolve a mesma, ideias

vinculadas à prática da dança, conhecimento do corpo e do movimento, influência cultural e social.

Nesse cenário, nasce a Escola do Teatro Bolshoi no Brasil, com a missão de formar artistas cidadãos a partir da promoção e difusão da arte-educação. A Escola Bolshoi, instituição sem fins lucrativos, funciona desde 15 de março de 2000, na cidade catarinense Joinville. Ali, os alunos recebem alimentação complementar, apoio psicológico, assistência médica, nutricional e odontológica, bem como todos os figurinos, material didático, transporte e uniforme.

Foi acreditando no prestígio da escola que duas jovens naturais de Bauru, no interior de São Paulo, Clara Galhardo e Camila Maio, prestaram a seleção e se mudaram, com 10 e 11 anos de idade, para a “capital da dança”, como Joinville é conhecida, a, no mínimo, 700 quilômetros de distância, conforme o Google Maps.

As alunas são protagonistas do documentário, que visa revelar os desafios, renúncias e as transformações inerentes em suas vidas e nas dos familiares, como primeiros passos para grandes saltos na jornada.

Após se formar, o bailarino precisa se preocupar em ingressar no mercado de trabalho, que busca profissionais com criatividade, disciplina, técnica e responsabilidade. A base artístico-cultural fornecida pela instituição aos alunos os prepara para as seletivas e oportuniza o primeiro emprego em grandes companhias. É o caso do bailarino Luiz Miguel Anselmo, que conta, no documentário, sobre sua trajetória e como assumiu, tão jovem, uma posição no elenco do Balé Nacional do Canadá, meses após concluir sua formação.

A intenção deste projeto é, então, transmitir a verdade, por meio de depoimentos e imagens, de que crianças abrem mão do conforto de suas casas, até de momentos com suas famílias, em prol do sonho de ser bailarino(a), já que escolher uma boa escola de dança e aprender a lidar com a pressão psicossocial está entre os pilares para se tornar um profissional. Assim que se especializam, lidam com novos desafios para conquistar seu espaço, seja ele no mercado nacional ou internacional.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se justifica, principalmente, pela afinidade das duas graduandas em jornalismo com o balé clássico, como espectadoras e bailarinas. Além das preferências pessoais, o documentário trata a escolha da dança como profissão, que pressupõe amor pela arte, pela movimentação do corpo e ambição, antes da técnica, capacidade e talento.

Outro ponto de motivação para o presente trabalho é que o material produzido sobre esse conteúdo não é extenso, se aplicado a regionalidade de Bauru. Nada ou pouco se fala sobre as duas jovens naturais de Bauru, escolhidas como referências deste documentário, serem estudantes na Escola Bolshoi, a única filial do famoso Teatro Bolshoi da Rússia, uma das principais companhias de balé e ópera no mundo, além de considerado patrimônio cultural da humanidade pela ONU e UNESCO.

A escolha do Brasil para sediar a escola se deu em 1999. Em 1995, para que outras nações tivessem oportunidade de conhecer a metodologia aplicada na Rússia, o diretor artístico do Teatro Bolshoi, Alexander Bogatyrev, idealizou um projeto que reproduzia as mesmas características da Escola Coreográfica de Moscou.

Em 1996 a Cia. do Teatro Bolshoi realizou uma turnê no Brasil e Joinville foi incluída no programa. O espetáculo ocorreu no 14º Festival de Dança de Joinville. Impressionado com a receptividade do público, o russo Bogatyrev esboçou propostas para montar uma unidade da Escola no país, contemplando questões como a aplicação da metodologia, seleção de professores e alunos e estrutura física necessária.

Em 1998, o idealizador Bogatyrev faleceu. Mas, seu legado era consistente: o esboço do projeto estava concluído e foi apresentado para prefeitos e diretores de instituições de ensino do Brasil. O prefeito de Joinville na época, Luiz Henrique da Silveira, comprometeu-se no desenvolvimento da proposta.

No dia 20 de julho de 1999, na abertura do 17º Festival de Dança de Joinville, Alla Mikhailchenko, primeira bailarina do Teatro Bolshoi, assinou o protocolo de intenções com o prefeito. Entre os fatores decisivos para a escolha de Joinville

estava a profunda ligação da cidade com a dança, em função de seu tradicional festival.

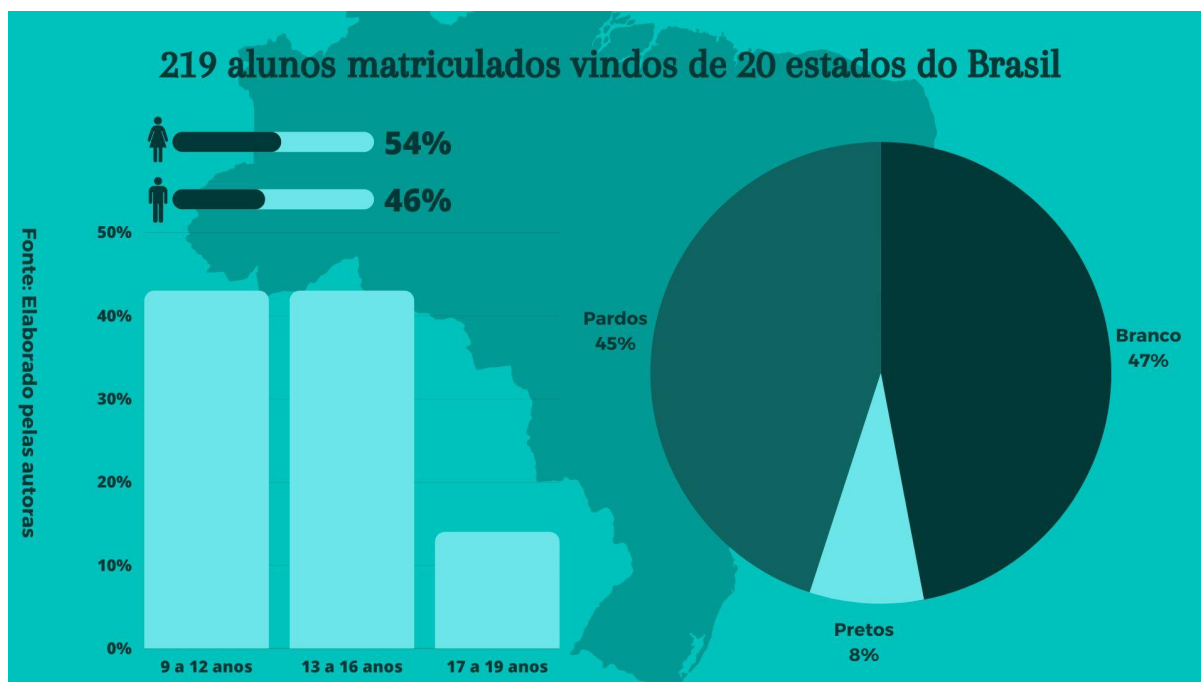
A partir do ensino da dança contemporânea, complementares e a primordial técnica do balé Vaganova, que é o método criado pela bailarina Agrippina Vaganova (1879-1951) e definido pela Escola Bolshoi como a união entre o aprendizado de forma gradual e a consciência corporal, a partir do uso da força da parte inferior das costas, plasticidade dos braços e flexibilidade, a instituição fornece bolsa 100% a todos os alunos, que ingressam na escola por meio de uma seleção.

É a porta de entrada para o sonho de se tornar uma bailarina ou bailarino profissional. Por ser uma instituição sem fins lucrativos, para manter os talentos, a Escola Bolshoi acumula 49% dos recursos financeiros por meio da lei de incentivo à cultura. Outros 30% provém do Governo de Santa Catarina e 8% do patrocínio sem incentivo fiscal.

Dados mais recentes divulgados pela Escola Bolshoi mostram que, em 2022, ano em que a instituição completou 22 anos, 219 alunos vindos de 20 estados do Brasil estiveram presentes nas aulas e em contato ativo com a arte-educação. Dos 410 formados em 15 turmas, desde 2000, 70% trabalham com dança, em cinco continentes do mundo.

A dança é capaz de cantar, dançar, escrever, esculpir e pintar utilizando o corpo; é uma das formas de arte mais viva que existe. É tão singular que acontece uma única vez- um movimento nunca consegue ser igual ao outro e está sempre se modificando e nos transformando. Ela nos coloca na realidade e nos tira dela, possibilitando-nos usufruir lugares nunca antes visitados dentro de nossa mente (TADRA, 2012, p. 13).

Figura 1: Perfil dos alunos da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil



Fonte: Relatório de Atividades da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil (2022)

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

A partir da produção de um documentário, o objetivo deste trabalho é mostrar a dificuldade do processo de profissionalização do(a) bailarino(a) clássico(a) em razão da desvalorização dessa arte no Brasil, que é berço e incubador de vários talentos que procuram incessantemente oportunidades mundo afora, alinhado ao desejo de uma vida digna e do reconhecimento de seu trabalho.

1.2.2 Objetivos específicos

- Fomentar a valorização do trabalho dos profissionais da dança
- Expandir a um público mais amplo o trabalho desenvolvido pela Escola do Teatro Bolshoi no Brasil;
- Mostrar, por meio do formato documentário, os desafios e a paixão pela dança, além de todos os sentimentos envolvidos nas histórias de vida contadas.

2. FORMATO E GÊNERO

O documentário traz uma maneira completa e dinâmica de contar, ilustrar e compartilhar as histórias escolhidas para essa produção e, conseqüentemente, alcançar o objetivo retórico da obra. De acordo com Sérgio Puccini (2009), autor do livro “Roteiro de Documentário: da Pré-Produção à Pós-Produção”, existe um compromisso assumido entre o documentarista e o universo que ele aborda. Dessa maneira, o documentário nasce.

Ao longo da criação do projeto, a equipe entendeu que não bastava falar, escrever ou fotografar as bailarinas e o bailarino que aparecem na obra: era necessário entrar de cabeça em suas rotinas e dores para entender o preço que eles pagam por estarem se tornando quem querem ser. Para compartilhar essa mensagem, foi necessário captar imagens e sons diretamente do cotidiano desses artistas e seus familiares.

Assim como Puccini (2009) revela, a essência do documentário é olhar para as pessoas. Dessa forma, apenas a representação audiovisual, no formato de documentário, daria ao enredo o peso necessário ao esforço dos(as) bailarinos(as) e à desvalorização da arte. A experiência que o filme proporciona com estímulos sonoros e imagéticos permite ao telespectador que se sensibilize e mergulhe nas adversidades dos artistas e seus familiares.

Ademais, a dança, mais especificamente, o balé, também utiliza-se da imagem e da música para existir. Ou seja, nada mais fidedigno do que deixar com que a ouçam, vejam e sintam. De acordo com Bill Nichols (2010), autor do livro “Introdução ao Documentário”, base para este relatório, “o discurso dá realidade a nosso sentimento de mundo. Um acontecimento recontado torna-se uma história resgatada” (NICHOLS, 2010, p. 59).

Conforme o autor, existe uma série de modos de se produzir um documentário. São eles os mais conhecidos: o poético, o expositivo, o observativo, o participativo, o reflexivo e o performático. Pela definição do livro, eles são caracterizado pelos seguintes aspectos:

- a) “Modo poético: enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal” (NICHOLS, 2010, p. 62).

- b) “Modo expositivo: enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa” (NICHOLS, 2010, p. 62).
- c) “Modo observativo: enfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta” (NICHOLS, 2010, p. 62).
- d) “Modo participativo: enfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto. Frequentemente, une-se à imagem de arquivo para examinar questões históricas” (NICHOLS, 2010, p. 62 e 63).
- e) “Modo reflexivo”: chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme” (NICHOLS, 2010, p. 63).
- f) “Modo performático: enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento. Rejeita idéias de objetividade em favor de evocações e afetos” (NICHOLS, 2010, p. 63).

Apesar desses modos existirem e terem características diferentes, uma produção pode contar com mais de um modo em sua história, o que é o caso do documentário “DO PONTO À PONTA”. Nele, é possível identificar três modos: o expositivo, o participativo e o observativo. Isso porque, para essa produção foi necessária a observação da rotina das personagens, a inserção de entrevistas para que suas histórias fossem contadas e o tratamento da construção argumentativa enfatizada de maneira verbal.

Cada modo pode surgir, em parte, como reação às limitações percebidas em outros modos, como reação às possibilidades tecnológicas e como reação a um contexto social em mudança. Entretanto, uma vez estabelecidos, os modos superpõem-se e misturam-se. Os filmes, considerados individualmente, podem ser caracterizados pelo modo que mais parece ter influenciado sua organização, mas também podem combinar harmoniosamente os modos, conforme a ocasião (NICHOLS, 2005, p. 63)

Para este trabalho, o gênero e o formato não poderiam ser outros para transmitir toda beleza, emoção e dedicação dos jovens bailarinos da Escola do Teatro Bolshoi. Dessa maneira, as produtoras puderam usar imagens e áudios reais, com interferências do cotidiano, retrato fidedigno da realidade, e para construir o

argumento narrativo que dá sentido ao projeto e, conseqüentemente, levará os espectadores a reflexão desejada.

Apesar de ter sido trabalhado de maneira cinematográfica, este projeto ainda é um trabalho jornalístico, então o modo participativo foi considerado indispensável: as diretoras precisavam entender, ouvir e sentir das personagens suas histórias e suas maiores dores para, a partir daí, entender qual seria a abordagem de fato. Afinal, como salienta Puccini (2009), os diretores podem idealizar a pauta e a abordagem, mas a realidade pode e deve interferir no curso da produção.

Puccini (2009) ensina em seu livro que lidar com situações imprevistas e ter coragem de enfrentá-las é condição obrigatória para qualquer um que queira dirigir documentários. O desafio do produtor é saber fazer uso dessas situações sem que isso inviabilize o projeto. E o autor finaliza: “documentários nascem de um compromisso assumidos pelo documentarista com o universo abordado” (PUCCINI, 2009, p. 130).

Uma vez estabelecido o contato com as personagens, surge a necessidade de registrar imagens da história por elas narradas: é o momento que o modo observativo entra em cena. Nesse estilo de gravação, aquilo que na ficção é cenário, passa a ser, no documentário, um espaço real, de mundo, sobre o qual a câmera não exerce total domínio.

Num documentário, só olhe as pessoas. Esqueça o quadro, a composição e a arte. Concentre-se nas pessoas e preste toda a atenção do mundo ao que elas estão dizendo; você está lá para isso: ver, ouvir e reagir ao que estiver acontecendo de verdade (PUCCINI, 2009, p. 80).

Por fim, o modo expositivo faz-se presente com o conjunto dos elementos utilizados e fragmentos do mundo-histórico para construir a narrativa argumentativa do projeto. Ele engloba as entrevistas realizadas e os momentos em que a presença das produtoras é percebida - quando suas vozes são audíveis.

Além disso, as narrações explicativas e expositivas presentes no documentário compõem o argumento de maneira precisa, enquanto as imagens ilustram o argumento falado em *voz-over* ou voz de “Deus” que, tradicionalmente, costuma ser uma voz de homem. Em “DO PONTO À PONTA” essa narração é feita pela voz de uma mulher.

3. METODOLOGIA

De acordo com Puccini (2009), todos os documentários nascem de projetos que delineiam as intenções do documentarista. Dentro deste quadro de expectativas, que são testadas durante todo o momento de pesquisa e filmagem, o produtor estabelece o método de trabalho, a forma de organizar o material colhido, tudo com o objetivo de fazer o filme. Este projeto, portanto, não fugiu à regra.

O método foi aplicado depois, no momento da escolha do tema que não só foi escolhido, como também se escolheu para delinear a produção. Pela proximidade das produtoras com arte, principalmente, com a dança, o desejo de fazer um trabalho jornalístico complexo sobre o assunto se alinhou às oportunidades que surgiram. Depois que o balé foi elencado como tema do documentário, era necessário definir a pauta.

A ideia sempre foi explorar o esforço, a dedicação e o potencial de transformação de vidas presentes na dança. Com isso em mente, era necessário delimitar e refinar mais ainda a pauta e buscar as personagens. É neste momento que a pauta escolhe o projeto, ao compartilhar com conhecidos na área da dança a intenção do documentário, uma das documentaristas, conheceu a história da Clara e, a partir daí, o “DO PONTO À PONTA” encontrou não só as primeiras personagens, como também uma maneira de acessar em uma das escolas mais renomadas de dança do mundo: a Escola do Teatro Bolshoi.

Apesar de as idealizadoras já estarem familiarizadas com a dança, conhecer a Escola do Teatro Bolshoi, a pesquisa aprofundada sobre os detalhes, resultados, rotina, ingresso, entre outras características, foi essencial, bem como buscar saber mais sobre a história dos(as) bailarinos(as) e outras que poderiam cruzá-la para a elaboração da narrativa argumentativa da obra.

Somado à necessidade de captar imagens de forma presencial, a dupla tomou a decisão de viajar até Joinville (SC), de maneira imprescindível, já que as principais personagens moram nesta cidade. Dentro das limitações, desde equipamentos e habilidades, as produtoras buscaram realizar o trabalho de forma mais profissional possível. Para isso, era necessário reconhecer quais habilidades tinham e quais materiais dispunham.

Logo, perceberam que o ideal era contar com profissionais do audiovisual para as gravações, de modo que elas atingissem a expectativa de apresentar o conteúdo de forma cinematográfica. Na fase de prospecção e orçamento, Gabriel

Woelke, que é bailarino, professor de dança contemporânea e profissional de audiovisual, se interessou pelo projeto e ocupou o cargo de diretor de fotografia.

Junto a ele, Matheus Bonfim, também bailarino e profissional do audiovisual, somou ao se tornar o cinegrafista deste trabalho. Pelo curto prazo de execução e entrega, as idealizadoras concordaram que era interessante mais integrantes na equipe que pudessem auxiliar na edição. Neste momento, Guilherme e Bruno, ambos estudantes do curso de Rádio, TV e Internet na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” se interessaram, e se responsabilizaram pelo tratamento das imagens e montagem dos vídeos.

Depois de enviar os pedidos de autorização para gravar na casa dos familiares, na Escola do Teatro Bolshoi e no Teatro Municipal de Bauru, as estudantes elaboraram as perguntas que deveriam ser feitas aos entrevistados e escolheram, em conjunto com o diretor de fotografia, como as gravações e planos de captação imagem deveriam ser feitos. Mesmo que existisse um planejamento o qual os produtores se basearam, a realidade requer flexibilidade para mudanças e sensibilidade para dar espaço aos entrevistados de contarem suas histórias.

De acordo com Puccini (2009), mesmo com todo o planejamento, é necessário manter a mente e projetos abertos para alterações. E foi isso que deixou o projeto mais orgânico e harmonioso.

Diante dessa perspectiva, o documentário se impõe com todas as suas falhas no modo de apreensão do mundo, repleto de vazios e surpresas que obrigam o documentarista a se engajar em um processo de invenção constante, sempre pautando por novas descobertas (PUCCINI, 2009, p. 127).

Apesar do envolvimento de toda a equipe nas tomadas de decisão e gravações, houve uma divisão para distribuir melhor as tarefas que precisavam ser tocadas ao longo do processo: Produção (Marjory e Desirée), Roteiro (Marjory e Desirée), Narração (Marjory), Gravação (Gabriel Woelke e Matheus Bonfim), Edição (Guilherme Soares e Bruno Mamede).

O trabalho de Produção envolve: marcar as entrevistas, manter contato com as personagens, organizar o cronograma de gravações, emitir os ofícios de autorização para gravação dentro dos espaços (Teatro Municipal de Bauru e Escola do Teatro Bolshoi), atentar-se às datas e manter a equipe alinhada em relação às tarefas que precisavam ser feitas. Em Roteiro, as funções se concentraram no

argumento de documentário, nas cenas que precisavam ser gravadas essencialmente, assim como a divisão na construção de uma narrativa.

Para a Gravação das Imagens, utilizamos registros originais obtidos pelo próprio documentarista na construção do filme. Aqui, se dividindo em dois tipos, como classificados por Puccini (2009):

- a) registros de eventos autônomos, que ocorra de forma independente à vontade de produção do filme, no caso das cenas captadas nas aulas, que seguem a rotina de trabalho dos(as) alunos(as) e professores, e nos ensaios, já marcados pela escola;
- b) registros de eventos integrados, que ocorrem exclusivamente para o filme, como no caso das entrevistas, previamente agendadas com os entrevistados, mas cujo teor das perguntas eles desconheciam até o momento da gravação.

A decupagem do material gravado, junto ao material obtido na transcrição das entrevistas, possibilitaram às documentárias a seleção e a montagem de uma estrutura para o filme. Ou seja, a pós-produção com a Edição. Essa montagem pressupõe um roteiro para a edição das imagens. Roteirizar, conforme Puccini (2009), significa:

Recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário (PUCCINI, 2009, p.16).

Na maior parte dos roteiros bem construídos, o autor narra que, já no início da história, o documentarista canaliza a atenção do público para as personagens, decidido a seguir determinado curso de ação do qual dificilmente há de se desviar. Pautado por este conceito, as idealizadoras construíram o roteiro que trabalha o personagem em situação de conflito, a partir de uma construção dramática que organiza os eventos. Esse objetivo comum amarra as ações, criando uma unidade, de maneira que o documentário distribui a atenção entre as várias personagens.

O aumento gradual da tensão levará a curva dramática a um clímax, ponto máximo de tensão, que conduzirá à resolução da história (PUCCINI, 2009, p. 40).

Ainda segundo Puccini (2009), ao contrário dos roteiros de filmes de ficção, que possui a estrutura em três atos com pontos de virada, obstáculos e elementos

estruturais, um documentário passa por um longo desenvolvimento do meio até a resolução e encerramento, compensado pela liberdade de montar o filme de modo original e expressivo. Dessa forma, as estudantes elaboraram um roteiro não-cronológico, com a apresentação das facetas do tema, alterando a atmosfera na ordem e ritmo que desejaram, para dar vida ao assunto.

O intuito com a roteirização elaborada dessa forma é prender a atenção do espectador, dada a curiosidade em saber o que levou as personagens a determinados pontos de ação. Por isso, pretendeu-se, logo de início, antecipar parte de uma informação que está localizada entre o meio e o fim na cadeia dos eventos e, assim, criar ganchos, descritos por Michael Chion (1989), como “o acontecimento notável, estranho, surpreendente, ainda enigmático, colocado no início da história para captar o interesse” (CHION, 1989, p. 189).

Figura 2: Pré-roteiro do documentário feito em quadro com *post-its*



Fonte: Elaborado pelas autoras

Com base na roteirização, foram feitas as versões da edição final. A cada nova versão, uma reunião era realizada para apontamentos de correções por minutagem, com base naquilo que as produtoras haviam gostado ou não. Assim, surgiram sugestões de mudança e trocas para melhoria do produto. Na quinta versão enviada, as idealizadoras já estavam quase satisfeitas por completo, resultando em mínimos detalhes a serem modificados.

A narração foi feita depois que ordem das imagens foi estabelecida, para acrescentar informações importantes não contempladas e lapidar as falas escolhidas. O recurso usado foi o “voz over”, também conhecido como “voz de Deus”. A intenção é que os personagens contem as próprias histórias para o espectador e “desenhem” o argumento trabalhado pelo documentário. Para isso, foi reduzida a intervenção da narradora, que somente aparece em momentos pontuais.

Além disso, a narração do documentário foge ao “voz over” tradicional que, geralmente, leva para as produções audiovisuais uma voz masculina, grossa e suave. Neste documentário, a narração é de uma mulher.

3.1 Cronograma das gravações

Tabela 1: Cronograma de gravações

DATA	LOCAL	PERSONAGENS
06/05/2023	Casa dos pais da Clara	Entrevista com Márcio e Greice (pais da Clara)
09/05/2023	Teatro Municipal de Bauru	Entrevista com Michelle (professora de balé, em Bauru, da Clara e da Camila)
10/05/2023	Cafeteria Fran's Café em Bauru	Entrevista com Alexandre (Terapeuta)
12/06/2023	Casa da mãe-social da Clara em Joinville	Entrevista com Elizabeth (mãe social da Clara)
12/06/2023	Escola Germano Timm em Joinville	Gravação de imagens com a Clara
12/06/2023	Escola do Teatro Bolshoi	Acompanhamento da rotina da Clara, Camila e Luiz Miguel
12/06/2023	Escola do Teatro Bolshoi	Entrevista com Larissa (professora de balé da Clara e da Camila)
13/06/2023	Escola do Teatro Bolshoi	Entrevista com Célia (Diretora administrativa e financeira da Escola Bolshoi)
13/06/2023	Escola do Teatro Bolshoi	Entrevista com Clara
13/06/2023	Escola do Teatro Bolshoi	Entrevista com Camila
13/06/2023	Escola do Teatro Bolshoi	Entrevista com Luiz Miguel
13/06/2023	Saltare em Joinville	Entrevista com Soraya (mãe de Camila)

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

4.1 Público Alvo

“A receita busca o efeito de empatia entre personagem e espectador, o que acontece quando este passa a sentir as dores e os infortúnios do personagem” (PUCCINI, 2009, p. 39). O trabalho foi desenvolvido com o intuito de expandir o reconhecimento do cenário da dança e valorizar a profissão, mas, mais que isso, aproximar o espectador dessa temática, que continua às margens das tradicionais conversas do dia a dia ou orientações vocacionais.

Por esse motivo, o público-alvo entende-se como qualquer pessoa que esteja apta a criar interesse, prestigiar e beneficiar a si mesma com o propósito do lazer ao assistir a espetáculos, bem como a aquele que se identifica com a temática e reconhece a necessidade de despertar essa problematização em âmbito nacional. O público-alvo, dessa maneira, possui uma característica em comum: ser favorável à sobrevivência da arte e ao fomento da cultura.

O espectador, além de apreciar o trabalho no palco, pode ter acesso ao conhecimento de sua produção e, assim, compreender o esforço necessário para estar ali, em um país aquém das linguagens culturais. Portanto, o público-alvo não se limita a idade, gênero, etnia e/ou classe social.

Ao contrário, o documentário busca instigar e aumentar o público de interesse por essas questões socioculturais, pelo trabalho desenvolvido pela Escola Bolshoi, assim como expandir a visão dos profissionais envolvidos em formar novos bailarinos(as) no Brasil.

“O que acontece por trás das coxias?”, “O que significa ser bailarino no Brasil?”, “O que motivou cada um desses bailarinos a abrir mão do conforto de suas casas para estar em uma renomada escola, a fim de seguir o seu sonho?”, “Quais as pressões psicológicas envolvidas na carreira?”. O documentário pretende elucidar essas questões ao espectador.

4.2 Argumento de documentário

a) Eleição e Descrição da(s) Personagem(s)

Clara Galhardo

É aluna do sexto ano na Escola Bolshoi. Aos três anos, Clara já semeava um desejo ardente de ser bailarina, mas, precisou aguardar até os sete para poder ingressar nas aulas gratuitas do Teatro Municipal de Bauru. Aos 10

anos, participou da seletiva na Escola Bolshoi incentivada por sua professora, passou e se tornou apta a ingressar na escola. Assim, saiu de Bauru para Joinville, com o sonho de se tornar bailarina profissional. Hoje, com 15 anos, mora com uma família-social e “respira” o balé na capital da dança, com quatro horas, no mínimo, de aulas por dia.

Camila Maio

É aluna do oitavo ano na Escola Bolshoi. Ingressou, aos seis anos, nas aulas gratuitas do Teatro Municipal de Bauru. Aos 11, participou pelo segundo ano consecutivo da audição para a Escola Bolshoi, incentivada por sua professora, passou e se tornou apta a ingressar na escola. Assim, saiu de Bauru para Joinville, com a família, com o sonho de se tornar bailarina profissional. Hoje, com 19 anos, está no último ano de formação e almeja alçar “voos altos” na profissão

Luiz Miguel Anselmo

Mineiro “de origem” e goiano “de coração”, é aluno formado pela Escola Bolshoi desde de 2022. Quando pequeno, lidou com preconceitos pelo tom da sua pele e pela escolha da profissão, tida por muitos como exclusivamente feminina. Integrou o elenco da Companhia Jovem do Bolshoi no ano de sua formatura. Hoje, aos 19 anos, foi contratado como bailarino no elenco da Companhia Nacional do Canadá.

Soraya Maio

Mãe da Camila Maio, se mudou para Joinville para acompanhar o sonho da filha. Começou a vender bolo de pote para poder se sustentar e, hoje, como empreendedora e dona da padaria “De Sapatilhas”, compartilha seus dons na cozinha junto a outras “mães de Bolshoi”.

Márcio Aparecido Pereira e Greice Galhardo

Pais de Clara Galhardo. Incentivaram a filha, desde o começo, a seguir o sonho de ser bailarina profissional, seja em Bauru ou em Joinville. Márcio é servidor público, trabalha como coordenador de serviços de rua para a

Prefeitura de Bauru. Greice está desempregada há seis meses. São pais de mais dois filhos.

Elizabeth Ferreira

Mãe-social da Clara, se mudou do Rio de Janeiro para Joinville para acompanhar o filho, aprovado como aluno da Escola Bolshoi em 2017. Mora com mais cinco bailarinos, sendo quatro homens e a Clara. Como mãe-social, recebe R\$ 1,5 mil dos pais dos bailarinos(as) para abrigar, cuidar e alimentar os jovens.

Alexandre de Paula Goffi

Terapeuta energético e integrativo. Se relaciona afetivamente com uma bailarina e lida, ao lado dela, com as pressões psicológicas de estar sobre o palco.

Larissa de Araújo

Professora de balé clássico, técnica em pontas, repertório e dança popular histórica, desde março de 2000 na Escola Bolshoi. Aos 18 anos, foi para Kiev, na Ucrânia, para se formar em balé clássico. Dois anos depois, foi contratada como bailarina no Teatro da Ópera de Balé. Retornou ao Brasil aos 23 e, aos 28, começou a ministrar aulas.

Michelle Aparecida Nicola Alves

Professora de Clara e Camila no Teatro Municipal de Bauru. Maior incentivadora das jovens para que prestassem a audição na Escola Bolshoi. Michelle é professora há 13 anos no teatro e compartilha seus ensinamentos com quatro turmas de alunos(as).

Célia Campos

Diretora administrativa e financeira da Escola Bolshoi há 20 anos. Nunca praticou modalidades na dança. Se apaixonou pelo balé assim que começou a trabalhar na escola e, hoje, busca transformar essas vidas a partir da arte-educação, além de ser responsável pelas decisões nos pilares que sustentam a escola.

b) Eleição e Justificativa para a(s) Estratégia(s) de Abordagem

Filmagem das aulas

Conhecer o espaço principal onde os(as) alunos(as) frequentam traz a sensação de pertencimento do espectador e é o primeiro contato que se tem com um bailarino da Escola do Teatro Bolshoi, no caminho para sua profissionalização.

Filmagem dos espaços

A intenção da filmagem dos espaços é aproximar o espectador, bem como contextualizá-lo a respeito do território que aquela gravação está sendo realizada.

Entrevistas individuais

Com este recurso, pretendemos contar a história e construir a narrativa que enriquece o espectador, bem como o documentário em si, com informações sobre o passado, o presente e o futuro do(a) bailarino(a). Com as entrevistas, as produtoras puderam entender, de mais de uma perspectiva, o funcionamento da Escola do Teatro Bolshoi, os desafios para a valorização da profissão da dança e a paixão das personagens por aquilo que fazem diariamente.

Imagens de arquivo: As produtoras optaram por solicitar aos familiares dos(as) bailarinos(as) e à Escola do Teatro Bolshoi imagens de arquivo, que não substituem o testemunho, mas servem para complementá-lo, para enriquecer o conhecimento sobre a própria realidade.

c) Sugestão de Estrutura e/ou Sequência de Imagens

Valorização da profissão

É com este tema que pretendemos iniciar e finalizar o documentário. Assim, instigamos a curiosidade do espectador no início e retomamos o assunto com maior enfoque no final, de modo que a narrativa seja desenhada com altos e

baixos, pautados nos pontos de virada, ou seja, informações que servem para “jogar” com o público.

Rotina dos(as) bailarinos(as)

Começo do filme, parte da premissa de quem são as personagens que vão ser “desmembradas”, a partir de suas histórias, no documentário. Aqui, o intuito é mostrar a distribuição das horas do dia a dia, bem como trazer para o espectador a reflexão de que a dança requer esforços físicos e mentais.

Sentimento de estar na Escola Bolshoi

O sentimento de pertencer a escola é a justificativa apresentada para o próximo bloco: a mudança de cidade. Isso porque, os pais tomam as decisões de levarem seus filhos ainda muito jovens considerando que a escola os prepara para um futuro promissor na dança, seja no mercado nacional ou internacional.

Mudança para Joinville

A mudança para Joinville é um “ponto alto” no documentário, no qual se pretende mostrar que os(as) bailarinos(as) abdicaram de suas vidas junto a suas famílias, bem como de seus amigos em suas cidades natais em prol do sonho de ser bailarino. Essa mudança é regada de renúncias e desafios de adaptação.

Seletivas para entrar na Escola Bolshoi

Neste momento, o documentário introduz melhor a instituição como um todo, a estrutura e as seletivas, bem como os momentos em que as personagens receberam o tão aguardado “sim” para integrar a escola. O bloco busca mostrar a visão dos pais e da professora Michelle, que vivenciaram o período junto às bailarinas.

Dificuldades em Joinville

Cada personagem pôde enumerar as principais dificuldades de se morar em uma nova cidade, seja com relação a estar em uma casa cujo as pessoas a personagem desconhecia antes, como no caso da Clara, ou a demissão em

um emprego estável de 23 anos, como no caso da Soraya, mãe da Camila Maio.

Apoio familiar

O apoio familiar é um dos principais pilares que formam uma bailarina de sucesso. Este é um ensinamento trazido pela professora Michelle durante o documentário. Dessa forma, o filme buscou mostrar o papel dos pais neste momento de decisão, principalmente no quesito apoiar a escolha de uma profissão vista como *hobby*. A família também estende-se para tios, avós e primos, que, por vezes, julgam a atitude dos pais em mandar os filhos pequenos para realizar os sonhos, além de criticar a opção de meninos em se tornarem bailarinos.

Como começaram a dançar

Aqui, o documentário ilustra o “nascer” do(a) bailarino(a), a partir da relação de cada um com a arte, de modo a explicitar como começaram a dançar, bem como o diferencial de cada um(a), seja pela técnica, pela motivação ou pela paixão.

Preconceitos: profissão x *hobby*

Outro ponto alto do documentário é a escolha de ser bailarino(a) pautada por críticas sociais. Não há uma personagem ali que escape de comentários maldosos a respeito de sua decisão em se tornar profissional da dança.

Medo do futuro

O medo do futuro é intrínseco em cada uma das personagens. Afinal, conforme os entrevistados, o futuro é incerto. É possível fazer previsões, planejar e organizar metas, contudo, é um mergulho no desconhecido. Os anseios dos(as) bailarinos(as) se resumem em depender de si próprio e do corpo para estar em companhias e alcançar o primeiro emprego. Em contraponto, há o bailarino Luiz Miguel que avançou no primeiro passo para a carreira, mesmo que cercado por esses medos, ao ser aprovado na seletiva para a companhia do Canadá, exemplo de perseverança.

O que é dança?

A dança é abstrata, traduz um sentimento particular, interno e único de cada um. É possível descrevê-la? Para fechar a narrativa, as produtoras optaram pela captação do ponto de vista reflexivo das personagens acerca desta modalidade artística, de modo a entender o que move cada uma delas a estar ali e a implantar a mesma “semente” nos espectadores.

4.3 Equipamentos e softwares utilizados

Para captação das imagens, os materiais, como câmera, microfone de lapela, lentes e cartões de memória foram emprestados por Matheus, o cinegrafista.

Câmera

Sony Alpha 6.300 mirrorless;

Auto-foco e foco manual;

Crop 35mm;

Gravado em 4k, em 25 frames, e 1080i, em 25 frames;

Foram usadas quatro baterias durante o maior tempo de gravação;

Bateria Dummy para as entrevistas de 30 - 40 minutos.

Lentes

Sigma 16mm 1.4 f;

Sony 50mm 1.8 f;

Ambas e-mount.

Filtros

K&F Concept - ND variável, 82mm;

Microfone

DJI Go - 2 microfones wireless & 1 receptor wireless;

Microfone premium de alta capacidade de captação sem ruídos.

Estabilizadores

Zhyiun Weebill 2S;

Gimbal de alta capacidade. Suporta diversas câmeras e lentes. É modular, pois aceita diversos tipos de RIGS (setups) para a produção.

Monitores

Feelworld sete polegadas, 4k

Na etapa da edição deste projeto, foram utilizados dois principais aplicativos: DaVinci Resolve, para montagem da sequência narrativa e colorimetria (correção de cor e luz), e Adobe Premiere Pro também para a montagem, ambos disponíveis nos computadores dos integrantes da equipe.

4.4 Identidade visual e gráfica

A identidade visual foi idealizada pela designer Ana Clara Giacomelli, baseada em toda a estética clássica, minimalista e sofisticada trazida pelas imagens gravadas. A ela foi solicitado o desenvolvimento da logo, da capa e do convite para a apresentação da banda. A logo, por sua vez, foi elaborada com base em uma técnica “limpa” e simples, sem detalhes extravagantes.

O que deixa a logo única e exclusiva é o detalhe com o fio nas letras “o” e “a”, de modo que liga a palavra “PONTO” e “À”, assim como no balé, no qual existe uma técnica de ligação entre os passos para que a composição fique harmoniosa e passe a sensação para o público de que os bailarinos estão flutuando no palco.

O detalhe foi incluído e pensado também para remeter ao balanço da dança, bem como à fita da sapatilha de balé. Com maestria e liberdade criativa, a designer soube unir nome, ideia e produto com a tipografia e o uso das cores, de forma a passar ao espectador temática abordada.

Figura 3: Logotipo inserido sob a imagem, captada pelos cinegrafistas, para compor a capa do documentário



Fonte: Elaborado por Ana Clara Giacomelli

Na colorização da imagem obtida pelas gravações, o editor Guilherme, junto ao diretor de fotografia, Gabriel, delimitaram o uso dos tons amarelo, verde e laranja para aproximar a estética cinematográfica, que reflete sobre as manifestações de significação avaliadas como manifestações artísticas. O uso dessas cores no tratamento da imagem foi pensado para, também, simular o uso do rolo de papel filme e trazer a melancolia e sobriedade como sensações no espectador.

4.5 Custos de execução e orçamento do produto

Para tornar o projeto viável, foi necessário investir, além de tempo, trabalho e dedicação, dinheiro. Sendo um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), parte dos investimentos foram solicitados à faculdade, bem como outros arrecadados pelas próprias estudantes e idealizadoras do projeto. Porém, contratar profissionais do audiovisual “fugia” do orçamento do projeto, já que é de conhecimento das produtoras o alto valor cobrado pelo serviço.

Por conhecerem profissionais que poderiam agregar e, ao mesmo tempo, oferecer a mão de obra de forma gratuita, apenas com o intuito de enriquecer os respectivos portfólios, as produtoras convidaram amigos de trajetória que tiveram

papel fundamental na execução e filmagem. Com exceção deles, a integrante da equipe responsável pela identidade visual e capa do projeto cobrou o valor de R\$ 100 pelo serviço.

Gabriel e Mateus, diretor e cingrafista, respectivamente, tiveram que participar de toda captação de imagem e entrevistas, então, viajaram para Joinville junto às produtoras, que quitaram o valor da alimentação, transporte de ida e volta, e estadia em Joinville para todo o grupo. No total, o investimento da viagem ficou em, aproximadamente, R\$ 3,8 mil.

Em relação aos materiais, a equipe pôde utilizar câmera, lentes, microfone e cartões de memória do Matheus, bem como alguns equipamentos da própria faculdade nas gravações em Bauru. Para a viagem à Joinville, a universidade não teria os equipamentos disponíveis no estúdio da FAAC para a data agendada, o que levou as produtoras a pedir dois tripés e uma segunda câmera emprestados. Um dos tripés foi danificado na viagem pela companhia aérea, e, por isso, precisou ser reembolsado no valor de R\$ 249.

O investimento total ficou em, aproximadamente, R\$ 4,2 mil, valor esse dividido igualmente pela dupla idealizadora. Além disso, cada uma recebeu da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” o valor de R\$ 600, estipulado pelo edital 5/2023 de Auxílio Acadêmico ao Graduando.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do “DE PONTO À PONTA” é uma grande conquista para a equipe. Após anos de pandemia e com a grade curricular alterada, a decisão de manter a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para junho deste ano parecia muito distante. Foi então que a paixão pela arte, pela dança e pelo jornalismo uniu o desejo de finalizar um ciclo com um projeto grandioso, ousado e artístico.

Desde a ideia até a sua finalização, o documentário levou menos de dois meses para ficar pronto. Tudo somente possível pela organização e dedicação em concretizar os cronogramas, seguidos com seriedade, e compromisso de toda a equipe. As idealizadoras começaram a trabalhar neste projeto no começo de maio de 2023 e finalizaram no dia 27 de junho do mesmo ano.

Para que esse trabalho ficasse pronto neste curto espaço de tempo, foi necessário muita colaboração de todos os envolvidos, sem exceções, conexão entre a equipe, com o tema e apoio institucional. Cada pessoa que reservou um tempo para assinar papéis, dar entrevistas, filmar, organizar, escrever, pensar, corrigir, bagunçar e reorganizar essa produção a tornou possível. A experiência de, enfim, finalizá-la é inebriante.

Além disso, é uma experiência jornalística completa, em que as estudantes de jornalismo, Desirée e Marjory, puderam empregar inúmeras habilidades de um profissional da comunicação, dentre elas saber escutar, e a partir daí, contar histórias com a finalidade de tornar público o que não deveria estar longe dos olhares da maioria: o esforço para a resistência da arte e os artistas.

A colaboração de Gabriel, Matheus, Guilherme, Bruno e Ana Clara reafirma que a arte importa, que o argumento do documentário faz sentido para a equipe, tanto que, todos os envolvidos investiram seus tempos e esforços físicos e mentais para que tudo desse certo. Este documentário nasce da união de cada uma dessas mãos e se finda em um ciclo puramente enriquecedor.

Não só a arte que está no documentário, mas a arte que ele é também, por si só, sem necessidade de amarras, imerso na realidade do acontecimento - preceito máximo do jornalismo - já traduz o sentimento de realização da equipe. É gratificante olhar para trás com a certeza de que tudo valeu a pena.

A equipe encerra a jornada dessa produção muito maior do que começou: cresce com a grandiosidade e dificuldade do trabalho, não só porque é complicado produzir um documentário, mas também pelas condições e aparatos fornecidos, sem contar as dificuldades da viagem até Joinville. Um trabalho financiado de maneira independente requer cuidado, gestão e criatividade para reduzir os custos e viabilizar a obra, e foi o que a equipe, em especial a dupla de produtoras, fez.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TAVARES, Isis Moura. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: IESDE, 2005.

FARO, Antônio José. **Pequena história da dança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NEVES, Juliana. **Bailarinas e bailarinos: uma etnografia da dança como profissão**. São Paulo: Cadernos Pagu. p. 201-238. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/271062071_Bailarinas_e_bailarinos_uma_etnografia_da_danca_como_profissao> Acesso em: 27 de jun. 2023

TADRA, Débora Sicapra Arzua. **Linguagem da dança**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SCARDUA, Corrêa Angelita. **A Dança e o Movimento da Vida**. Disponível em:

<<https://psiqueobjetiva.wordpress.com/2009/01/05/a-danca-e-o-movimento-da-vida/>

> Acesso em: 22 de jun. 2023.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da Dança - Arte e Ensino**. São Paulo: Digitexto, 2011.

CHION, Michel. **O Roteiro De Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

NICHOLS, Bill; **Introdução ao documentário**. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2010.

PUCCINI, Sérgio; **Roteiro de Documentário. Da pré-produção à pós-produção**.

Col: Coleção Campo Imagético 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 2009.

BRASIL III, Decreto nº 82.385 de 5 de outubro de 1978. **Regulamenta a lei nº 6.533 de 24 de maio de 1978**. Disponível em:

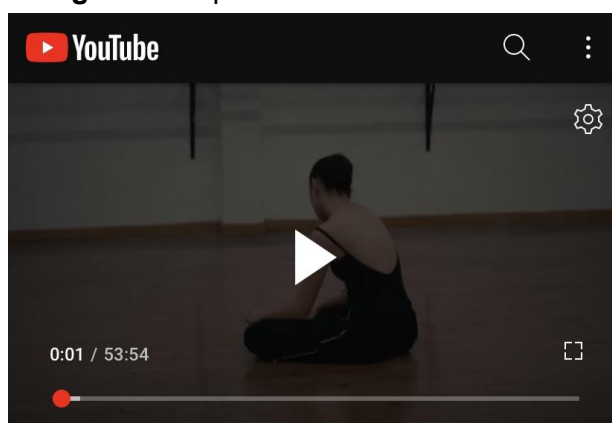
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d82385.htm> Acesso em:

19 jun. 2023.

7. APÊNDICES

7.1 Produto experimental - documentário

Figura 4: Capa documentário no Youtube



Do Ponto à Ponta - Documentário

🔒 Não listado





1 visualização · há 50 minutos ...mais

Fonte: Youtube

- Link: https://youtu.be/K127Rv1_h30

7.2 Sugestão de roteiro transcrito e enviado para a edição

- Cada cor representa uma personagem

Contextualização	Minutagem	Áudio	Imagem
INTRODUÇÃO	11 segundos disso e entra a próxima fala	(Dramatização - música mais rápida - https://www.youtube.com/watch?v=Srlp8fAXz8c)	Tela preta (como na versão 1)
Valorização da profissão	Mesmo trecho da versão 1 e 2	[FALA DA CAMILA] DI: “Tá terminando um ciclo” DF: “Pra um lado positivo”	TUDO EM OFF (Continua na música dramática) Imagens dos ensaios/espetáculos de balé, das sapatilhas, dos pés machucados
Valorização da profissão	Mesmo trecho da versão 1 e 2’	[FUTURO] DI: “Estar aqui é como se eu estivesse realizando” DF: “Aos poucos eu vou me realizando mais ainda”	TUDO EM OFF (Continua na música dramática) Imagens dos ensaios/espetáculos de balé, das sapatilhas, dos pés machucados
Valorização da profissão	Mesmo trecho da versão 1 e 2	[CULTURA NÃO VALORIZADA] DI: “Não tem um incentivo público” DF: “As pessoas não enxergam isso”	TUDO EM OFF (Continua na música dramática) Imagens dos ensaios/espetáculos de balé, das sapatilhas, dos pés machucados
VINHETA	VINHETA	VINHETA	VINHETA
			
Rotina do bailarino	39” - 46”	[APRESENTAÇÃO]	Rosto dela

		DI: “Meu nome é Clara” DF: “E atualmente eu sou”	
CENA RESPIRO		Som ambiente	Intervalo de falas com o som ambiente da Clara ensaiando - versão 2
Rotina do bailarino	11’53” - 14’32”	[ROTINA] DI: “Todos os dias eu acordo” DF: “Exato”	Rosto dela + OFF Imagens da Clara na casa dela se arrumando para ir para o Bolshoi + imagens da Clara chegando na escola + imagens da Clara nas aulas (adorei na versão 2 que tem uma imagem dela rindo nesse trecho quando ela fala ‘descontraído’) + imagens da ponta do balé
Rotina do bailarino		[APRESENTAÇÃO]	
Rotina do bailarino		[ROTINA] DI: “Esse ano...” DF: “Na cama”	Rosto dela + OFF Imagens da Camila no estágio + nas aulas (nessa ordem que é a ordem de falas dela)
Rotina do bailarino	13”	[APRESENTAÇÃO ANSELMO] DI: “Meu nome é..” DF: “Mas, eu nasci em Minas”	Rosto dele
Rotina do bailarino	8’27” - 9’2”	[DECISÃO DE SER BAILARINO PROFISSIONAL] DI: “Vim pro Bolshoi” DF: “Parar para pensar se é isso que a gente quer”	Rosto dele + imagens dele no ensaio com a Cia Jovem

	22'47"	[IMPORTÂNCIA DO CUIDADO MENTAL] DI: "A arte é uma forma" DF: "É a sua mente e o seu corpo"	Embala a fala do psicólogo ainda com a música de fundo (diminuindo o volume) e imagens dos ensaios > corta para o rosto dele + detalhes do olho e da mão em OFF
Sentimento no Bolshoi	26'14" - 26'39"	[MATURIDADE ENQUANTO CRIANÇA] DI: "Outra característica na nossa profissão, nós temos que ser muito jovens" DF: "Brincando de boneca"	Rosto dela + OFF Professora Larissa dando aula para as alunas no Bolshoi
Sentimento no Bolshoi	9'42" - 11'29"	[SOBRE O BOLSHOI] DI: "O Bolshoi é uma escola dos sonhos" DF: "É um trabalho maravilhoso"	OFF Rosto dela (mesclar as câmeras de dois ângulos) + Imagens da frente do Bolshoi
CENAS DE RESPIRO		Sob som de música dramática	Imagens em OFF de ensaios na escola ou de aulas mesmo
NARRAÇÃO		O QUE É O BOLSHOI + DADOS DE APROVAÇÃO	
Mudança para Joinville	8'55" - 11'32"	[MUDANÇA PARA JOINVILLE] DI: "É que os meus pais" DF: "Mas eu me acostumei, sabe"	Rosto dela
Mudança para Joinville	12'39" - 12'49" + 13'40" - 14'25" + 14'30" - 14'42"	[CAMILA SOBRE A MUDANÇA PARA JOINVILLE] DI: "Cara, eu virei..." DF: "mudar tudo"	Rosto dela + OFF dos detalhes da mão, dos olhos

		+ DI: “Vir pra cá...” DF: “muito triste” + DI: “agora a gente tá...” DF: “pra melhor”	
Seletivas para o Bolshoi	56’29” - 63’49”	[SELEÇÃO BOLSHOI] DI: “A gente tem uma seleção” DF: “Fazer a seleção” [CORTAR O RESTO] + DI: “O nosso objetivo é” DF: “São eles que nos motivam a trabalhar”	Fala dela + OFF das aulas principalmente quando ela diz que são os bailarinos que motivam
Seletivas para o Bolshoi	11’32” - 12’34”	[SELETIVAS] DI: “E ai quando a gente ia mandar a Camila pro Bolshoi” DF: “Agora eu vou conhecer a escola”	Rosto dela
Seletivas para o Bolshoi	7’36” - 8’14”	[SELETIVA] DI: “Tinha várias pessoas” DF: “Preparado para os dois”	Rosto dele
Seletivas para o Bolshoi	2’32” - 2’47”	[REPROVAÇÃO E APROVAÇÃO NO BOLSHOI] DI: “eu vim fazer...” DF: “aí eu passei, ai mudou completamente tudo, mas desde pequenininha”	Rosto dela
Seletivas para o Bolshoi	14’11” - 15’34”	[REPROVA NO BOLSHOI]	Rosto dela + detalhes do rosto, mão

		<p>DI: "A Camila nós viemos"</p> <p>DF: "Passou na segunda vez"</p>	
Seletivas para o Bolshoi	1'49" - 2'27"	<p>[COMO ENTROU NO BOLSHOI]</p> <p>DI: "Eu conheci o Bolshoi"</p> <p>DF: "Dentro do ônibus com a minha mãe"</p>	Rosto dela + OFF Imagem da Clara na frente do Bolshoi pequena + imagem do print do e-mail com o nome da Clara na seletiva - TUDO NA PASTINHA DE FOTOS DE ARQUIVO EM ZIP
Seletivas para o Bolshoi	19'02" - 19'51"	<p>[SOBRE A SELETIVA EM JOINVILLE]</p> <p>DI: "É uma adrenalina, são três dias"</p> <p>DF: "É muito legal"</p>	Rosto dela
Seletivas para o Bolshoi	6'59" - 8'55" + 9'5" - 10'20"	<p>[SELETIVAS]</p> <p>DI: "Foram duas etapas bem"</p> <p>DF: "É o meu objetivo, é o meu sonho"</p> <p>+</p> <p>[SENTIMENTO SELETIVAS]</p> <p>DI: "Eu estava confiante"</p> <p>DF: "Naquele dia"</p>	Rosto deles + OFF com imagens da Clara pequena na pastinha de arquivo
Seletivas para o Bolshoi	6'22" - 6'38"	<p>[SENTIMENTO NA SELEÇÃO]</p> <p>DI: "Eu realmente estava muito preocupada"</p> <p>DF: "Não"</p>	Rosto dela
Seletivas para o Bolshoi	11'15" - 12'02"	<p>[AUDIÇÃO PARA O BOLSHOI]</p> <p>DI: "Na audição do Bolshoi"</p> <p>DF: "É porque eu sou capaz"</p>	

CENA DE RESPIRO		SOB SOM DE MÚSICA CLÁSSICA	Espetáculos do Bolshoi
Dificuldades Join	5'24" - 6'31"	[ENTROU NO BOLSHOI] DI: "Na hora que eu entrei" DF: "Ter um suporte"	Rosto dele
Dificuldades Join	6'18" - 6'58"	[NÃO CONHECIAM O BOLSHOI] DI: "Eu nem sabia o que era" DF: "Entendeu"	Rosto deles
Dificuldades Join	4'56" - 7'07"	[MUDANÇA DE VIDA PARA JOINVILLE] DI: "Quando a Camila passou no Bolshoi" DF: "Eu falei eu vou" [CORTA O TRECHO QUE ELA FALA DA MILENA] DI: "Ai meu esposo ficou com a Milena" DF: "Vindo para outro país"	Rosto dela + OFF com detalhes do rosto e do olho na parte que ela chora
Dificuldades Join	5'09" - 5'44"	[INDICAÇÃO DE MÃE SOCIAL] DI: "é o Bolshoi..." DF: "é assim"	Imagem da Beth e bailarinos, quando abrem a porta pra gente entrar na casa deles em Joinville + Rosto dela
Dificuldades Join	22'44" - 24'58"	[IR OU NÃO IR MORAR COM A FILHA] DI: "Quando ela foi selecionada" DF: "E ela estava determinada a ficar"	Rosto deles

		[CORTAR] DI: “Você deixar o seu filho” DF: “É outra né, então essa parte foi bem difícil”	
Dificuldades Join	29’38” - 31’26”	[PROBLEMA - ALIMENTAÇÃO] DI: “Cada mãe tem uma forma de cozinhar” DF: “É coisa simples, ela nunca comeu”	Rosto deles
Apoio familiar	15’37” - 17’30”	[APOIO FAMILIAR] DI: “Em questão de apoio” DF: “Meus amigos sempre falaram ‘vai, vai dar certo’”	Rosto dele + OFF com cenas de detalhes das mãos, do olho
Apoio familiar	45’43” - 46’34”	[COMENTÁRIOS MALDOSOS DE AMIGOS/FAMILIARES] DI: “Quando a gente estava na rodoviária” DF: “Muito julgado”	Rosto deles
Apoio familiar	8’32” - 8’53”	[DIFERENCIAIS DE CADA BAILARINA] DI: “Faz o combo bailarina de sucesso” DF: “Ai vai”	Rosto dela
Apoio familiar	23’10” - 24’30”	[PAPEL DOS PAIS E DESAFIOS] DI: “E a gente fala” DF: “Não, mãe, tudo bem”	Rosto dela
Como começaram a dançar	3’49” - 5’03”	[O SURGIMENTO DO BALÉ] DI: “A Clara quando tinha”	Rosto deles + OFF Imagens da Clara pequena no balé com roupinha

		DF: "Com dez anos"	
Como começaram a dançar	16'51" - 18'18"	[DIFERENCIAL DE CADA ALUNA - CLARA] DI: "A Clara ela entrou" DF: "Então vamos"	Rosto dela + troca de câmeras para dar dinamicidade
Como começaram a dançar	1'10" - 1'58"	[SOBRE A CAMILA] DI: "A Camila sempre foi elétrica" DF: "Na dança"	Rosto dela
Como começaram a dançar	14'33" - 15'09"	[DIFERENCIAL DE CADA ALUNA - CAMILA] DI: "A Camila ela tinha essa presença" DF: "Gente que menina bonitinha"	Rosto dela
Como começaram a dançar	1'04" - 3'13"	[TRAJETÓRIA] DI: "A minha trajetória com a dança" DF: "Cia Jovem do Bolshoi"	Rosto dele + OFF com imagens dele de arquivo na formatura
Como começaram a dançar	15'38" - 16'50"	[O NASCER DO BAILARINO] DI: "Quando a gente dança.." DF: "É o objetivo de vida dele"	Rosto dela + OFF com imagens das mãos, dos olhos
CENAS DE RESPIRO		MÚSICA DRAMÁTICA	Espetáculos, cenas de dança, etc etc
Preconceitos	20'19" - 26'27"	[MISSÃO DO BOLSHOI + VALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO] DI: "Uma profissão pouco valorizada, que a gente teve que abrir caminhos" DF: "Para ele dar a arte dele?"	Rosto dela + detalhes do olho e das mãos

Preconceitos	32'28" - 32'48" + 11'29" - 11'50"	[PROFISSÃO X HOBBIE] DI: "Vem da família" DF: "Tem certeza?" + DI: "A sociedade encare o balé" DF: "Bem estar da sociedade"	Rosto dela + OFF de detalhes
Preconceitos	5'14" - 6'03"	[PROFISSÃO X HOBBIE] DI: "Eu via como um hobbie" DF: "Quem sou eu pra questionar"	Rosto deles
Preconceitos	23'37" - 23'50"	[COMENTÁRIOS MALDOSOS] DI: "Não sei se foi na maldade" DF: "Tá mais que mais?"	Rosto dela
Preconceitos	26'09" - 26'51"	[SITUAÇÕES DE PRECONCEITO] DI: "Você tem um filho" DF: "O que ia ser da Camila"	Rosto dela
Anseios dos bailarinos	1'10" - 2'13"	[DOENÇAS PSICOLÓGICAS] DI: "Quando eu tô dentro do camarim" DF: "Por parte dos bailarinos"	
Anseios dos bailarinos	6'20" - 7'41"	[SOBRE MEDO E A PROFISSÃO] DI: "Medo?..." DF: "sabe?!"	
Anseios dos bailarinos	19'13" - 19'30"	[DESAFIOS PRO FUTURO] DI: "O medo" DF: "Acho que isso é um desafio"	

Anseios dos bailarinos	31'58" - 32'47"	[FUTURO] DI: "A mãe fala" DF: "Que não é fácil"	
Anseios dos bailarinos	30'55" + 21'17" - 21'58"	[ENTRAR NA COMPANHIA DO CANADÁ] DI: "Balé Nacional do Canadá" + DI: "Estou me sentindo muito bem" DF: "Não tem mesmo"	
Anseios dos bailarinos	21'17" - 22'49"	[HISTÓRIAS LEGAIS] DI: "Não tem explicação eu abrir o meu insta e ver a Deise" DF: "É pra isso que a gente trabalha, olha isso aqui ó"	Rosto dela
CENAS DE RESPIRO		Música dramática clima de encerramento	Dança, balé, etc etc
O que é dança?	2'36" - 3'21"	[O QUE É E O QUE MOVE A DANÇA] DI: "A dança é um modo de vida" DF: "Naquilo"	Ralenta a música e vai subindo a voz da Michelle em OFF + depois coloca o rosto dela
O que é dança?	16'59" - 18'00" + 18'10" - 18'54"	[CAMILA SOBRE DANÇA E ARTE] DI: "eu to dançando..." DF: "energia" + DI: "na dança..." DF: "é uma troca"	Mantém a música de fundo + OFF da Camila dançando
O que é dança?	29'27" - 29'56"	[O QUE É DANÇA PRA ELA] DI: "A dança é uma arte"	Mantém a música de fundo +rosto dela + OFF dela dançando

		DF: “A dança é tudo pra mim”	
O que é dança?	2’50” - 3’33”	[O QUE É DANÇA PARA ELA] [Da mesma forma que na versão 2] DI: “Pra mim a dança é” DF: “Alimenta a alma”	Mantém a música de fundo + rosto dela + vai mudando para imagens de dança conforme a fala vai acabando
FINALIZAÇÃO		SOBE SOM DA MÚSICA DE NOVO	IMAGENS DE DANÇA